



USO DE RECURSOS VEGETAIS EM UMA RESERVA INDÍGENA NA ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL DA BARRA DO RIO MAMANGUAPE, MARCAÇÃO (PB, BRASIL).

L. C. Silvestre ¹

J.D.S.Lourenço ¹, N.M.P. Braga ¹, R.P. Farias ¹, S.C.A. Barros ¹, S.R.S. Xavier ¹

1 - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas - CCBSA, Rua Monsenhor Walfredo Leal, nº487 - Tambiá, 58020 - 540, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre a utilização de plantas ocorre desde a pré - história, onde o homem as manejava para garantir sua sobrevivência. A princípio, a utilização das plantas era restrita a alimentação para a obtenção de nutriente. Mas ao passar dos tempos, novas atribuições para os recursos vegetais surgiram, como a confecção de artesanato, construção de moradias, instrumentos de trabalho e, também como remédios (Merétika, 2008).

A relação étnica entre o homem e as plantas é de grande importância, pois fornece informações sobre as diferentes formas de manejo onde o homem usufrui da exploração destes vegetais para a sua sustentação (Pasa *et al.*, 2005). Diante o crescimento urbano - populacional, a entrada de pessoas estranhas ao meio, o processo de degradação ambiental, iniciativas precoces sobre o conhecimento das plantas em comunidades regionais, ameaçam a coleção do conhecimento empírico, fazendo necessário re - estruturar e preservar os conhecimentos da utilização dos recursos naturais (Phillips & Gentry, 1993).

No estado da Paraíba, moradores de uma aldeia indígena utilizam constantemente os recursos naturais para sua subsistência. Trata - se da Aldeia de Camurupim, formada por índios potiguaras. Segundo o Cacique Antonio Pessoa Gomes, os potiguaras apresentam um número superior a 12 mil habitantes na Paraíba, estes distribuídos em 26 aldeias, localizadas na micro - região do litoral paraibano, limitando - se ao Norte com os municípios de Mataraca e Baía da Traição, ao Sul com o município de Rio Tinto, a Leste com a Baía da Traição, Marcação e Oceano Atlântico e a Oeste com Mamanguape e Rio Tinto (Almeida *et al.*, 2005). A aldeia de Camurupim faz parte da Área de Preservação Ambiental (APA) da Barra do Rio Mamanguape.

As principais atividades econômicas desenvolvidas pelos moradores são a pesca marítima; captura de caranguejos e ostras em mangues; o extrativismo vegetal (mangaba, jaca, coco e caju); a agricultura de subsistência (milho, feijão, mandioca, macaxeira, inhame e frutas); a criação de animais

em pequena escala (galinhas, patos, cabras, cavalos, burros, porcos e bovinos); o plantio comercial de cana - de - açúcar, geralmente em terras arrendadas para usinas; criação de camarões em viveiros; o assalariamento rural, principalmente nas usinas de cana, e urbano; o funcionalismo público, com destaque para as prefeituras; e as aposentadorias dos idosos. Estas atividades também são encontradas nas comunidades potiguaras da Paraíba de acordo com o Plano Participação das comunidades Indígenas (2008) e Moonen (1992). A dependência dos moradores da aldeia de Camurupim pelas plantas é evidente pela presença constante delas em sua rotina, seja na alimentação, construção rural, doméstica, obtenção de energia e utilização fitoterápica.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é o levantamento etnobotânico em conjunto com obtenção de dados sócio - econômicos dos moradores da Aldeia de Camurupim, no litoral norte da Paraíba.

MATERIAL E MÉTODOS

A Aldeia Camurupim localiza - se na zona rural do município de Marcação, localizado a 72 km ao norte de João Pessoa. A comunidade faz parte da APA da Barra do Rio Mamanguape situada na mesorregião da zona da mata, litoral norte do Estado da Paraíba, distante ca. 70 km da capital João Pessoa. A APA limita - se ao norte com os municípios de Marcação e Baía da Traição, a oeste com o município de Rio Tinto, ao sul com o município de Lucena e a leste com o Oceano Atlântico.

Inicialmente foram realizadas saídas a campo para reconhecimento da área de estudo. A partir deste diagnóstico optou - se por realizar este trabalho utilizando - se de entrevistas que consistiram da aplicação de um protocolo com

perguntas semi - estruturadas, previamente testado e ajustado através de entrevistas - piloto. Anteriormente à realização de cada entrevista, foram apresentados os objetivos do trabalho ao entrevistado e respeitada sua opção em participar ou não da entrevista. Ao final do trabalho de campo, os dados foram transcritos, organizados em tabelas e analisados. Para maior orientação nas entrevistas, foi adotado o método da bola de neve. Desta maneira ao fim de cada entrevista era solicitado ao entrevistado que indicasse uma nova pessoa a ser entrevistada.

Para classificação de moradores indígenas ou não - indígenas foi utilizada a naturalidade e o período de moradia no local, caso este tenha descendência indígena, mas nascimento em outros locais fora as aldeias. Para os não - índios, os que possuíam como naturalidade, locais distintos à aldeias potiguaras.

Foi definida a escolaridade dos entrevistados em quatro categorias: ensino fundamental I (1^a ao 5^a ano); ensino fundamental II (6^a ao 9^a ano); ensino médio (1^a ao 3^a ano) e analfabetos.

A utilização dos recursos vegetais foi classificada em cinco categorias: medicinal (utilizada para fins terapêuticos), fonte de energia (carvão, biocombustíveis), construção rural (ferramentas, cercas, portas), construção doméstica (moveis, estruturas da casa), e alimentícia (plantio de subsistência). Para a coleta dos espécimes usou - se a metodologia de caminhadas livres (*walk - in - the - woods*) com os moradores tornando os resultados obtidos mais confiáveis, realizando posteriormente a identificação dos espécimes através de literatura especializada.

Em dados preliminares foram aplicados 56 formulários semi - estruturados a famílias moradoras da aldeia, sendo 49 mulheres e 7 homens.

RESULTADOS

A idade dos entrevistados variou entre 19 e 85 anos, sendo que o maior conhecimento botânico concentrou - se entre as pessoas mais idosas, onde o conhecimento botânico comum é passado para os mais novos, Silva *et al.*, . (2006) em seu trabalho destaca o uso de fitoterápicos principalmente pelos idosos.

O grande número de entrevistados ser do sexo feminino reflete o que foi observado quanto à divisão do trabalho entre homens e mulheres, onde os homens cuidam da lavoura ou realizam a atividade de subsistência da família e as mulheres por sua vez realizam o trabalho doméstico e a criação das crianças. Esta distribuição também pode ser evidenciada nos trabalhos de Borba & Macedo (2006), Viertler (2002), Silva *et al.*, . (2006), onde as mulheres detêm em maior parte do conhecimento botânico comum, pois são responsáveis pelo preparo dos “chás” na família, por cuidar do trabalho doméstico e propriedade.

Os índices de escolaridade dos moradores variaram entre o ensino fundamental I, ensino Fundamental II, ensino médio e analfabetos. Onde, os moradores com ensino fundamental I correspondem a 45,21%; analfabetos, 39,28%; ensino fundamental II, 7,14%; e ensino médio, 5,35 %. O grau de escolaridade é baixo, a maioria cursou no máximo até o

4^a ano do ensino fundamental. O baixo índice de escolaridade reflete as condições locais, através dos trabalhos de etnobotânica de Kochanovsk *et al.*, . (2007) e Pasa *et al.*, . (2005) observa - se a constante incidência das pessoas que apresentam condições similares, onde a maior parte dos entrevistados possui apenas o ensino fundamental I.

Considerando apenas os 64,28% de indígenas, as entrevistas evidenciaram que 35,71% possuem apenas o ensino fundamental I, 3,57% o ensino fundamental II, 1,78% o ensino médio e 23,21% são analfabetos. Entre os não - indígenas que correspondem a 35,71% das entrevistas, o grau de escolaridade apresenta - se da seguinte forma: 17,85% possuem o ensino fundamental I, 1,78% o ensino fundamental II, 3,57% o ensino médio e 12,5% são analfabetos. Na comunidade de Camurupim 96,42 % faz uso consorciado de medicamentos fitoterápicos e farmacoterápicos e apenas 3,58% não fazem uso de fitoterápicos. Todos não - indígenas fazem uso de plantas medicinais.

Entre os entrevistados com ensino fundamental I, apenas 3,33% não fazem uso de fitoterápicos. Entre os analfabetos, o percentual é de 5%. Ainda quanto ao uso de fitoterápicos, todas as mulheres entrevistadas declararam fazer uso de plantas medicinais. Por outro lado, entre os homens a rejeição à utilização de plantas medicinais é de 28,57%. Os tratamentos de saúde por meio da medicina popular coexistem, paralelamente, aos serviços de saúde fundamentada pelos próprios valores encontrados pela população local e também pela transmissão da herança cultural. Nesse sentido, diante da realidade em que vive a comunidade local, o que prevalece é o empírico, de modo que a maioria das plantas são usadas como medicinais (Pasa *et al.*, 2005).

O conhecimento botânico comum esteve mais concentrado nas faixas etárias de 46 a 85 anos, acumulando um total de 58,92%. As mulheres equivaleram a 87,5% dos indivíduos que afirmavam conhecer e utilizar as plantas para tratamentos de saúde.

A utilização dos recursos naturais torna - se um complemento ou até mesmo o único meio para a sobrevivência da maioria dos moradores. O aumento constante dos preços dos medicamentos industrializados é um dos motivos para a utilização das plantas medicinais; recursos para a fabricação de ferramentas, construção de recintos e moveis. A agricultura de subsistência permite a redução de gastos gerais da família; o carvão é um método alternativo como fonte de energia, porém esta pratica pode acarretar a deterioração das populações naturais (Maioli - Azevedo & Fonseca - Kruehl, 2006). Para fins medicinais as plantas mais usadas são: a colônia (*Alpinia zerumbet* (Pers) B.L.Burrt & R.M. Sm.) com 46,42%, mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), 28,57%, romã (*Punica granatum* L.), 10,71%, e alfava (*Ocimum gratissimum* L.), 5,35%) para tratamento de doenças do sistema respiratório. A cidreira/erva cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E.Br.), 26,78%, Capim santo/capim limão (*Cymbopogon citratus* (D.C) Stapf), 21,42% Hortelã da folha grande (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng), 12,5%, e Goiabeira (*Psidium guajava* L.), 12,5% são utilizadas para tratamento de problemas gastrintestinais. A aroeira (*Schinus sp.*) com 17,87%, urtiga branca (*Cnidioscolus urens* L.), 5,35%, cajueiro vermelho (*Anacardium occidentale* L.), 8,92%, tipí (*Petiveria alliacea* L.), 1,78%, para

inflamações e cicatrizantes.

Para fonte de energia na forma de carvão destacou - se a *Rhizophora mangle* L.-mangue vermelho e *Rhizophora racemosa* L.-mangue branco, respectivamente, conhecidas pelos locais como sapateiro/bravo e mangue manso (14,28%).

Na construção rural e doméstica, sapateiro (*Rhizophora mangle* L., *Rhizophora racemosa* L.) com 51,78%, Cabatã (Anacardiaceae) 7,14%, pau - d'arco (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. Ex DC.) Mattos) 1,78% e pau - ferro (*Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul.) 1,78%, são mais amplamente utilizados.

Para o cultivo de subsistência, o feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) com 28,57%, milho (*Zea mays* L.) 17,85% e a batata - doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.) 16,07% apresentam maior destaque, onde o cultivo deste é variado de acordo com as necessidades.

CONCLUSÃO

A comunidade da aldeia de Camurupim demonstra dependência dos recursos vegetais para sua subsistência, onde a maior parte das espécies é cultivada pela comunidade e apenas uma pequena parte é obtida nas áreas de mata próximas às residências. Também demonstra - se profundamente conhecedora sobre o uso de plantas medicinais. Entretanto a retirada desordenada e sem manejo acarreta a deterioração de espécies encontradas no local.

REFERÊNCIAS

Almeida, E.N., Segundo, F.S.L., Costa, M.N.M., Alves, S.A.B. A extensão e a etnodocumentação: a produção de documentários sobre os índios Potiguara de Monte - Mór: Eliene Nunes de Almeida. Anais do VII Congresso Ibero - Americano de Extensão universitária. Rio de Janeiro. 2005. Borba, A.M. & Macedo, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Cha-

pada dos Guimarães, MT, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, 20: 771 - 782, 2006.

Kochanovski, F.J.; Citron, A.; Landa, B.S., Castro, S.L.R. Estudo etnobotânico no Assentamento Pedro Ramalho, Mundo Novo. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu, Minas Gerais, 2007.

Maioli - Azevedo, V., Fonseca - Kruehl, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Botânica Brasileira*. 21:263 - 275, 2007.

Merétika, A.H.C., Conhecimento e utilização de plantas medicinais por comunidades de pescadores do município de Itapoá - SC. Florianópolis, SC, UFSC. 2008, 78 p.

Moonen, F., Maia, L. M, *Etnohistória dos índios Potiguara*, João Pessoa, Paraíba, 1992, pp. 93 - 149.

Pasa, M.C., Soares, J.J.; Guarim Neto, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição - Açú (alto da bacia do rio Aricá Açú, MT, Brasil). *Acta Botânica Brasileira*, 19:195 - 207, 2005.

PLANO DE PARTICIPAÇÃO DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS: Projeto de Redução da Pobreza Rural PRPR COOPERAR - PARAÍBA. João Pessoa, 2008. Disponível em: <www.seplan.pb.gov.br/cooperar/PlanPopInd.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2009

Phillips, O., Gentry, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypotheses with a new quantitative technique. <*Economic Botany*> 47: 33 - 43, 1993

Silva, M. S., Antonioli, A.R., Batista JS & Mota, C.N. Plantas medicinais usadas nos distúrbios do trato gastrintestinal no povoado Colônia Treze, Lagarto, SE, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, 20:815 - 829, 2006.

Viertler, R.B. 2002. *Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia*. Pp. 12 - 29. In: M.C.M. Amorozo; L.C. Ming & S.M.P. Silva (orgs.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro, UNESP/CNPq.